

**TÔ TE ESPERANDO NA JANELA: MANIFESTAÇÃO POPULAR E
TRADIÇÃO DE UM POVO NAS LAVAGENS DO SENHOR DO BONFIM DE
MURITIBA-BA.**

Cláudio Márcio Rebouças da Silva¹
Jussiana Silva dos Santos Rebouças²

Resumo: Este artigo apresenta um olhar sobre as lavagens representando um espaço onde os múltiplos sujeitos sociais se encontram, numa mistura de sons, de cores, de máscaras, de fantasias, de interesses, de idades, de classes, e até mesmo de credos, haja vista que candomblé, catolicismo e protestantismo estão ali, na síntese da festa! Abordo através de uma ousada brincadeira como as lavagens invocam uma identidade muritibana que está para além dos valores religiosos seguidos. A curiosidade, o sentimento de pertença, o envolvimento com a criatividade de cada fantasia, e não menos a “tradição” e a originalidade da festa envolvem evangélicos (não só eles) que correm para suas portas e janelas, e sempre com um olhar aguçado e um sorriso nos lábios, quando não um leve movimento do corpo ritmado com as charangas, participam desse evento híbrido.

Palavras-chave: Festa, Lavagem, Religiosidade.

1. INTRODUÇÃO

A cor é o branco. A água é de cheiro. A música é o afoxé. Elementos que tomam conta das ruas de Muritiba em todos os meses de fevereiro. A fé, a cultura e as tradições do Recôncavo se encontram nas comemorações ao nosso Senhor do Bonfim em Muritiba. Caretas, cães, fantasias, charangas. Uma festa centenária que reúne milhares de muritibanos e turistas.[Segundo Daniela Caribé\ Fisoterapeuta] ‘ *Senhor do Bonfim é uma grande representação simbólica de todo processo da religiosidade da Bahia. Né?Então, isso no Recôncavo baiano ganhou uma força muito grande. E, é muito importante para população, né? A gente se sente mais forte talvez pela força dessa ancestralidade, dessa religiosidade*’. A prefeitura de Muritiba trabalha para que tudo dê certo durante os onze dias de festa. Três secretarias estão diretamente ligadas à organização do evento. Um posto de atendimento de urgência e emergência foi montado na praça do Bonfim. A vigilância sanitária fiscaliza a comercialização de

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrante do grupo de pesquisa Corpo, Socializações e Expressões Culturais (ECCOS-UFRB). revcacau@hotmail.com.

² Estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Integrante do grupo de pesquisa Carta-Imagem (UEFS) . jussi.ana@hotmail.com.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

alimentos e bebidas para garantir a qualidade do que é consumido durante a festa. A prefeitura garante a segurança com a guarda municipal e dando suporte à polícia militar. Câmeras de monitoramento foram instaladas na praça do Bonfim. Estrutura de palco, som e luz garantem a alegria das dezenas de shows que animaram o público. [Segundo Xanddy\ Cantor] *‘Vir a Muritiba e participar de uma festa assim pra gente, pra nós artistas é sempre importante. Né? Parabenizar pela estrutura, pela organização. Tá tudo aí na mais perfeita ordem. Estamos felizes e honrados de estar presentes aqui’. Com a reforma da praça do Bonfim o público ganhou mais espaço para ver os shows. O parque de diversões foi transferido para praça Clementino Fraga, trazendo mais conforto e segurança para diversão dos pequenos’.* [Segundo Luciano Sampaio\ Montador] *‘Com a retirada do parque de lá pra cá, o espaço lá ficou realmente bem melhor e aqui também ficou melhor pra as crianças. Ficou um espaço totalmente separado. Não misturando um ambiente lá de festas com crianças e tal. E aqui o pessoal, a criançada pode brincar a vontade, tranquilo. Melhorou cem por cento, cem por cento’.* [Segundo Marcos da Cunha\Técnico em manutenção] *‘A gente ver que a prefeitura tá trabalhando para cada vez proporcionar esta festa melhor, né?’* Valorizar a cultura e as tradições de Muritiba é cuidar de nossa gente!

O texto acima corresponde ao vídeo apresentação da Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba “produzido” pela Prefeitura no ano de 2015, o qual sinaliza a triangulação fé, cultura e tradição do Recôncavo Baiano. Como apenas as palavras não conferem a multiplicidade de informações que o vídeo possui, é válido ressaltar, que em cada momento há uma música correspondente ao espaço representado, ou seja, nas ruas, na igreja ou no palco, interesses, classes, credos, cores, cheiros e gostos estão em disputa. Deste modo, percebe-se também uma ênfase numa perspectiva híbrida nas narrativas e práticas religiosas de fé-celebração do catolicismo e das religiões de matriz africana (ocorrem tensões e complementações). Evidente que os corpos e as fantasias são bastante “potencializados” como expressões culturais relevantes, assim, “cães”, caretas, muquiranas são tão importantes quanto as charangas. É possível ainda perceber que as secretarias são articuladas e os guardas municipais junto à polícia militar são apresentados como responsáveis em garantir a segurança e tranquilidade nas ruas da cidade. Logo, o que resta? Convidar foliões “consumidores” da folia de outras cidades, pois crianças e adultos podem se divertir e se alimentar com garantia de higienização e

alegria, ao mesmo tempo em que se criam processos de subjetivações e inculcações de um “gosto festivo”.

Todavia, torna-se necessário apresentar a festa ao leitor, não? É preciso salientar que tal festa ocorre no território de identidades do Recôncavo da Bahia. Desta maneira, este território marca uma memória de um momento de hegemonia produtiva colonial na sua produção de açúcar, fumo, etc, e, ainda, muitas lutas por emancipação política no Brasil império ocorreram neste chão, logo, tornou-se ao longo dos anos, território de identidades, ou seja, de modos de vida diferentes, principalmente das religiões afro-brasileiras. Assim sendo, a culinária, a capoeira, o artesanato, o samba de roda, o reggae, dentre outros, apontam a diversidade das expressões culturais deste “pedaço do Brasil”. Em meia a essa multiplicidade de cores e sons, o sino do Bonfim e o chocalho do “cão” se revelam na cidade serrana do Recôncavo baiano, a saber, Muritiba, situada a 120 km da capital do Estado, uma manifestação de caráter massivo cheia de fé-folia-consumo.

Conforme o geógrafo cultural Janio Roque, há no Recôncavo baiano uma força das manifestações culturais afro-brasileiras como o samba de roda e a capoeira, isto é, expressões socioculturais e identitárias, logo:

O Recôncavo baiano corresponde a uma área situada no entorno da Baía de Todos-os-Santos, na qual se introduziram algumas atividades econômicas no período colonial, situado nos arredores de Salvador, que foi a primeira capital do Brasil... A menção ao Recôncavo pode aparecer tanto do ponto de vista do recorte analítico, sendo chamado de região, quanto da ação político-territorial, sob a ótica cultural. Os conceitos de região, território e paisagem devem ser associados e integrados, e não insularizados, e, nesse contexto, a abordagem cultural tem um papel importante. (CASTRO, 2015, p.37)

Assim, na perspectiva cultural, como se exercer uma reflexão compreensiva do Recôncavo contemporâneo?

... opta-se por trabalhar o Recôncavo como uma produção histórica e um espaço social dinâmico, no qual a questão cultural, material e imaterial se destaca de forma expressiva. É o Recôncavo território da cultura popular, espaço social de militância dos movimentos negros, de grupos e manifestações culturais com uma histórica sociocultural de luta pelo direito a existência. É região como espaço vivido e

território de afirmação de traços identitários hibridizados. (CASTRO, 2015, p.40)

Por isso, os dias que antecedem o carnaval para os habitantes de Muritiba (cidade serrana do Recôncavo da Bahia), são marcados por muitas expectativas. Sim, é que os seus cidadãos sabem que a festa do Bonfim está chegando e, ainda que de maneira efêmera, o cotidiano é interrompido por uma “explosão de alegria” nas ruas, esquinas, praças, casas, janelas, barracas e templo (Bonfim) da cidade. Dessa forma, rememorando as palavras de um dos maiores carnavalescos e intérpretes da “brasilidade-popular”, Joãozinho Trinta, no Documentário *A Raça síntese* sugeriu-defendeu o período do carnaval como uma possibilidade de se exercer “a revolução pela alegria”! Isso porque, em sua abordagem, um povo sofrido e humilhado no viver social, no carnaval, articula-se, reinventa-se na folia. De fato, é possível de “um barracão carnavalesco” sair imagens e práticas que provocam emoções múltiplas na vida dos foliões e telespectadores? Ainda refletindo com Joãozinho Trinta, ele abaliza: Sim! Pois, “esse povo utilizando essa garra e criatividade em outras dimensões da vida é capaz de tudo”!

... as manifestações festivas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmos e de intensidade da vida individual e coletiva, periodicidade das passagens, articulando tradição e modernidade, passado e presente, lançando perspectivas de porvir, mostrando-nos que a vida pode ser uma efervescente experiência de gozo e de dissipação (PEREZ, 2012, p. 13).

O desafio então reside na construção de uma etnografia da rede-festiva debruçando-se na análise crítica e no desvendamento do que está por trás das palavras (discursos-práticas) e entre as palavras.

1.1 E O QUE FAZ DO BONFIM, BOMFIM DE MURITIBA?

A festa do Bonfim de Muritiba, como é popularmente conhecida, ocorre há quase dois séculos, sendo composta por: fincamento de bandeira, pregão, missas festivas, novenários, visitas pastorais dos padres a enfermos, filarmônicas centenárias da cidade (5 de Março e Lira Popular Muritibana), barracas de largo, vendedores

ambulantes, lavagem de escadaria da igreja, samba de roda, atrações musicais no largo da praça... Ou seja, trata-se de uma festa de largo. Mas, o que seria festa de largo? O largo é um espaço público. Na Bahia, a expressão festa de largo se aplica a grandes eventos abertos que acontecem no espaço público, atraindo milhares de pessoas que apreciam a axé music, o samba de roda, o pagode, entre outras modalidades musicais. A palavra largo, nesse sentido, segundo Castro (2015), está relacionada ao espaço público, que pode ser uma rua, um largo e na concepção de Lamas (2000) até mesmo uma praça. Muitas festas de largo de Salvador são extensões de festividades religiosas tradicionais e passaram a apresentar feições espetaculares, ou seja, a partir dessas festas, desdobraram-se eventos turistificados.

Quais seriam os limites entre festas do sagrado e profanas? Em primeiro lugar, como se destacou anteriormente, uma festividade popular de origem religiosa pode ter uma extensão profana (no seu entorno imediato) ou até mesmo se transformar em uma celebração profana. Afirmar que o sagrado corresponde ao que acontece dentro da igreja católica, tanto do ponto de vista material (imagens, objetos, altar) quanto imaterial (missas, celebrações), é uma simplificação de uma questão complexa, que não deve se resumir a uma dicotomização de natureza físico-espacial. Dentro do templo religioso há práticas profanas, como turistas que fotografam amigos, parentes ou se fotografam para postarem nas redes sociais. O que há de sagrado nessa prática? Por outro lado, há pessoas que se deslocam por centenas de metros, de joelhos ou carregando uma cruz, para pagar uma promessa relativa a uma graça alcançada. Essas pessoas se movem com dificuldade por entre barracas de bebidas situadas em corredores no entorno da edificação religiosa, uma área que pode ser considerada como eminentemente profana. Mas o ato do fiel religioso não tem nada de profano; a sua prática de fé está totalmente relacionada ao sagrado. Dessa forma, o debate sagrado/profano dimensionado no espaço público também deve ser conduzido com o devido cuidado, para que se evitem essas dualizações mecânicas estanques. (CASTRO, 2015, p. 46)

Desta forma, na Festa do Bonfim de Muritiba ocorre uma inculcação de um habitus festivo que envolve ambivalências, construção e reconstrução de narrativas corporais e simbólicas, de memórias. Daí cabe a reflexão: como esta festa se configura hoje? Ora, pude perceber processos de mudanças-permanências tanto na “estrutura da festa”, ou seja, palco, som, iluminação, reforma da praça, etc, assim como, na dimensão “corpórea de devotos-foliões”, isto é, pode-se dizer que um constrói o outro. Nesse

sentido, a festa é narrada como momento de fé-folia, de celebração da vida! Nela, há recriação e ordenamento, uma espécie de “liberdade controlada”.

Entretanto, uma das maneiras de experimentar a festa é através das janelas, portas e varandas das casas. Daí é bastante comum encontrar grupos geracionais nas portas das casas sentados no ‘circuito festivo’. É um fluxo intenso de foliões que ‘vai e vem’. Logo, morar próximo à festa é não dormir direito, contudo, basta abrir a janela e ver a festa passar. Ora, por ver a festa passar, leia-se: brincar, dançar, sorrir e acenar para “e com” os foliões.

Esperar na janela e ou sentar-se na porta de casa são símbolos de cidades interioranas mais ou menos pacatas no que diz respeito à violência urbana e, sem dúvida alguma, símbolo de saudade dos que ouviram histórias dos pais e avós na infância, ou evidenciaram essa prática de alguma maneira. Também podem ser símbolos de atraso para aqueles que não mais experimentam essa prática no seu cotidiano ou não a conheceram. Desta forma, seja na porta da casa sentado, na janela, na varanda e ou praça, a festa vai passar e muitos estavam à espera. Todavia, quem espera na janela e o que se vê?

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não
existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.
(Fragmentos do poema de Cecília Meireles, A arte de ser feliz)

Na janela, muitos que não participam diretamente da festa como evangélicos, católicos que não aceitam a mistura do sagrado com o profano, idosos que não querem ou não conseguem mais “cair na folia”, crianças que não são levadas para as lavagens pelos seus responsáveis, enfim, diversos sujeitos sociais que por motivos diversos não

vão às ruas, costumam se debruçar. A festa e, especificamente as lavagens, tem um poder de atrair olhares dos mais diversos, isto é, tanto os que dela participam diretamente, quanto dos que assumem discursos de negação e ou “diabolização” da mesma. Sim, este é o tom majoritário de grupos evangélicos na cidade que nos templos ou em grupos de amigos dizem: “esta festa é do diabo”! “É uma festa da carne”! “Deus não está no meio disso”! “Vão todos para o inferno”! E, inevitavelmente, quando ocorrem violências (como facadas e brigas nas lavagens), é para muitos evangélicos uma confirmação de uma suposta reprovação de Deus a uma festa católica e profana.

Há muitos fatores que sustentam os discursos evangélicos contra a festa do Bonfim em Muritiba. Sinalizo aqui dois: a herança anti-católica e pouco dialógica no protestantismo e processos de controle e castrações do corpo-prazer. Todavia, mesmo diante de narrativas contrárias à Festa do Bonfim por parte dos evangélicos na cidade, é bastante corriqueiro encontrá-los (não só eles) nas janelas, portas e varandas de suas casas. Desta forma, abordo através de uma ousada brincadeira como as lavagens invocam uma identidade muritibana que está para além dos valores religiosos seguidos.

1.2. A JANELA: UMA PERSPECTIVA DIFERENTE

De fato, o que definitivamente estão vendo? Vê-se o “vai e vem” de pessoas, foliões diferenciados com fantasias e muita alegria-criatividade. Vê-se “cães”, caretas, muquiranas, lavagens (com e sem abadás). Vê-se risos, sons, cores, brados, multidão em festa!³ Basta ouvir instrumentos e se aproximar da janela para ver músicos, muquiranas, fantasiados se preparando para o início da lavagem e os foliões vão se encontrando. No meio da rua os músicos começam a tocar, parece ter ‘visgo de jaca’[os muritibanos são conhecidos como papa jaca], isto é, os foliões ‘colam’ mesmo, cada um (a) a seu modo caem na folia. Entretanto, saliento aqui que a cidade de algum modo se encontra em festa, ou seja, não se limita ao templo e ou palco no largo da praça, uma vez que, nas ruas tem lavagens, e nas praças, nas janelas, nas esquinas e nos bares, carros de som com pessoas dançando, brincando e bebendo. É uma espécie de ‘disputa por foliões’. E é como se nos dias de festa as pessoas acordassem dizendo: “eu sou muito alegre. Todas

³ O cortejo das baianas (no início da festa) e a procissão do Bonfim (no final) também são vistos na janela, mas, sem risos e muitas vezes com um semblante de reprovação.

manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que eu faço é abrir a janela e contemplar o espaço” (JESUS, 2007, p.25).

Neste sentido, como escolher e ou arriscar um lócus para anotações no Diário de Campo e problematizações deste fenômeno social tão complexo? O mínimo de experiência no campo me faz acreditar que por se tratar de festa e humano, apenas a aparência é de repetições, o novo sempre aparece! “Parece que o que existe de mais precioso no existir humano, nas sagas da história humana, é a presença do imponderável, do contraditório, dos fluxos tensoriais, do paradoxo, nas teias oblíquas que perfazem a textura movente das culturas”. (ARAÚJO, 2013, p. 3)

As lavagens representam um espaço onde todos se encontram, numa mistura de sons (instrumentos musicais, trio, chocalhos dos “cães”) de cores, de máscaras, de fantasias, de interesses, de idades, de classes, e até mesmo de credos, haja vista que candomblé, catolicismo e protestantismo estão ali, na síntese da festa! Uma vez que a curiosidade, o sentimento de pertença, o envolvimento com a criatividade de cada fantasia, e não menos a “tradição” e a originalidade dos “cães”, envolvem todos que correm para suas portas e janelas e sempre com um olhar aguçado e um sorriso nos lábios, quando não um leve movimento do corpo ritmado com as charangas, participam desse evento híbrido.

A janela é também síntese entre a rua e a casa, ou seja, onde as representações e os pertencimentos identitários se misturam em dimensões do público-privado. Entretanto, para alguns evangélicos, a janela, essa síntese, não é o bastante, logo param de estar vigilantes⁴ e “caem na carne”⁵, isto é, vão para rua, se entregam a folia para sentir, degustar, tocar e cheirar a festa. Esse processo de banda na rua me traz a memória uma canção do Chico Buarque que diz:

Estava à toa na vida o meu amor me chamou. Pra ver a banda passar cantando coisas de amor. A minha gente sofrida despediu-se da dor. Pra ver a banda passar cantando coisas de amor. O homem sério que contava dinheiro parou. O faroleiro que contava vantagem parou. A

⁴ Neste caso a vigilância significa o que os líderes religiosos afirmam estar em constante cuidado para não entrar em tentação e pecar.

⁵ Expressão comum no campo religioso evangélico de perspectiva dicotômica que significa valorizar o prazer carnal (passageiro), que é contrário a vontade do Espírito, ou seja, do Deus (eterno).

namorada que contava as estrelas parou para ver, ouvir e dar passagem. A moça triste que vivia calada sorriu. A rosa triste que vivia fechada se abriu e a meninada toda se assanhou pra ver a banda passar cantando coisas de amor... O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou que ainda era moço pra sair no terraço e dançou. A moça feia debruçou na janela pensando que a banda tocava pra ela. A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu. A lua cheia que vivia escondida surgiu. Minha cidade toda se enfeitou pra ver a banda passar cantando coisas de amor. Mas para meu desencanto o que era doce acabou. Tudo tomou seu lugar depois que a banda passou. E cada qual no seu canto em cada canto uma dor. Depois da banda passar cantando coisas de amor. Depois da banda passar cantando coisas de amor⁶.

A partir da canção de Chico Buarque sobre a banda na rua, ainda que afastada do contexto histórico, não se pode negar algumas semelhanças com as lavagens na festa em Muritiba-Ba, tais como: músicos, rua, foliões, mudanças, ordenamento. No entanto, a questão não é (objetivo da minha análise) o que se canta-toca na festa, na lavagem, mas a capacidade da mesma em “mover estruturas” e lugares de pertencimentos sociais, como expressa DaMatta (1997) na ideia de crítica social através dos papéis sociais experimentados e “invertidos” na festa. Logo,

... todo o ponto da festa é precisamente não saber o que ocorrerá, no mundo em que a aventura é finalmente radicalizada, porque a vida social pequeno-burguesa (toda feita de pequenas contradições entre o certo e o errado, o pecado e a virtude, a certeza e a incerteza) fica suspensão e é invertida (DAMATTA, 1997, p.138).

Com efeito, a festa é arrebatadora e consegue tirar as coisas do lugar, mover as estruturas de um viver social cheio de estratificações, assim a subversão, o novo, o inesperado e o desejado por subalternos, ocorre cotidianamente nas ruas da cidade. Pensando com Cox:

...uma cultura podia zombar, periodicamente, de suas mais sagradas práticas políticas e religiosas. Sentia-se em condições de imaginar, ao menos de vez em quando, um tipo de mundo bem diferente – mundo este em que o último era o primeiro, valores tradicionais se invertiam, os palhaços se tornavam reis e os coroinhas, prelados. (COX, 1974, p.12)

⁶Música “A Banda”, composição e interpretação de Chico Buarque do ano de 1966.

Diante disso, é importante refletir: como a racionalidade produz dimensões de fantasia-ilusão nas lavagens através de processos de subjetivações identitárias festivas atribuídas sociologicamente ao lazer? Quais grupos sociais fantasiam-iludem na festa? O poder público que proporciona uma espécie de “pão e circo” como se os cidadãos não percebessem? Os “guardiões da cultura popular” que para permanecer negociam reciprocamente com os “agentes especializados da cultura”? Os foliões que aparentemente “alienados” se lançam na folia esquecendo-se da vida “dura e pesada”? Ora, evidente que na festa há interesses em jogo: políticos, econômicos, religiosos, midiáticos e não menos culturais.

Segundo Denys Cuche, “a noção de cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais” (CUCHE, 2002, p.9), isso porque o humano também é cultural e “a noção de cultura se revela então como instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos” (CUCHE, 2002, p.10). Vale ressaltar ainda que o conceito de cultura, tradição e povo nas Ciências Sociais se dão em um campo de disputa, de pertencimentos teórico-metodológicos. Pois, como aponta Muchembled: “a cultura é um tecido riquíssimo, que precisamos examinar com a máxima atenção em todos os seus fios” (MUCHEMBLED, 2001, p.10).

De fato, na festa, a cultura também revela o oposto do fragmento cantado por Chico: *“O homem sério que contava dinheiro parou”*. Não! Definitivamente ele continuou contando dinheiro, pois descobriu que investir em festa é uma prática lucrativa, ou seja, quanto custa e se paga por uma “fantasia”? “A festa é, ainda, mediação entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e futuro, entre ‘nós’ e os ‘outros’, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana” (AMARAL, 2012, p. 74).

Ora, se fantasias e criatividade são comuns em festas populares, como essas dimensões se revelam no Bonfim de Muritiba? De fato, a dimensão da criatividade na festa salta aos olhos de qualquer observador por mais desatento que seja, uma vez que, nos corpos, nas ruas, na praça e no templo, narrativas e símbolos aparecem em tom de cores, brincadeiras, gratidão, folia, fé, consumo e crítica. Daí surge uma questão: se não há um concurso e ou prêmio de melhor fantasia, o que move esses foliões? Isto é, não basta participar da festa? Ora, encontrei fantasias de ‘cães’, caretas, muquiranas,

mendigos, turma do Chaves (incluindo o Chapolin colorado), Minions, Pantera cor de Rosa, Mickey Mouse, Peppa (porquinha), Capitão América, Hulck, personagens do Mortal Combate, etc. Logo percebi! Para muitos, não basta ir à festa, pois é preciso “criar” fantasias em busca de prazer e status.

Sobre premiação na rede-festiva esta ocorre apenas no Pregão Anunciador, pois, durante os onze dias de fé-folia a criatividade aparece não em busca de prêmios materiais nas lavagens tradicionais promovidas pela prefeitura, mas de dimensões simbólicas que envolvem lazer-prestígio. Logo, a festa é locus de disputa de foliões, e os abadás também são fantasias. Contudo, com menos criatividade (claro!), pois há uma homogeneização de cores e patrocinadores nas camisas, mesmo assim, muitas mulheres e alguns homens modificam suas camisas com cortes exibindo seus corpos seguindo um padrão de beleza-sedução.

Entre idas e vindas pelas ruas da cidade, fui ao encontro da tradicional lavagem do Clube dos 30 em sua 18ª edição. É bastante comum escutar nas ruas da cidade que essa lavagem é de família, é organizada, tem segurança e “gente bonita”. São aproximadamente 2.000 foliões, 2 carros-pipa, cordeiros, seguranças particulares, policiais militares, músicos e trenzinho. Sim, há uma ‘legitimidade’ deste grupo neste circuito festivo da cidade. Multidão em festa! Brados, risos, jinga, coreografias. Por um momento há uma impressão: a “cidade dança”. Todavia, outros grupos econômicos e ou de amigos entram em cena para disputa de foliões. No ano de 2015 a disputa foi com o JR Atacado e Varejo, que colocou na mesma manhã uma lavagem nas ruas da cidade com os seguintes destaques: 5 charangas (Muritiba, São Felix, Cachoeira, Saubara e Maragogipe); 70 Seguranças; 120 representantes da Polícia Militar e Civil; 6 mil abadás; 13 mil latões de cerveja ‘free’; cordeiros; fotógrafos e cinegrafistas (Bahia Atualidades); trenzinho; fantasiados; baianas; carro de som. Neste sentido, quem levaria a melhor? A “tradição” ou o novo? Lembrando que neste caso o Grupo dos 30 passa a assumir um teor da tradição entre as lavagens com camisa, em contraposição à Lavagem da JR que tem apenas dois anos de existência! Era comum escutar que a Lavagem do JR Atacado e Varejo era do “povão” e teria muita violência por ter muita bebida livre. Bem, há sem dúvidas os que só participaram de um ou outro momento, mas foi comum encontrar os foliões que para além de representações simbólicas de prestígio e poder

contidas no abadá do Grupo dos 30, se lançaram também na Lavagem da JR, vestindo tão logo o abadá visto do “povão”.

O termo tradição é múltiplo na rede-festiva em Muritiba-BA, pois tanto é utilizado em relação aos momentos litúrgicos no templo e nas procissões quanto nas manifestações populares da rua como: caretas, “cães”, lavagens sem abadás, cortejo das baianas e, não menos, lavagens com abadás, como o Clube dos 30 e Jagunça. Ora, estudar o campo das festas populares é de fato lançar-se no jogo do movimento, no fluxo dos significados, em que dependendo do contexto, os elementos que compõem a festa vão mudando de lugar. Isso porque “toda identidade é uma construção simbólica (a meu ver necessária), o que elimina, portanto, as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido. Dito de outra forma, “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construída por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (ORTIZ, 1998, p. 8). Assim, a lavagem do Clube dos 30 e o Bloco Jagunça representam modernidade quando comparados às lavagens sem abadá, mas assumem um aspecto de tradição quando disputam a posição com os novos blocos e outras lavagens que vão surgindo a cada ano. Com efeito, em contato com os foliões e nativos percebi esse jogo arbitrário entre tradição-modernidade, entre permanência-mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DE FESTA...

Eu, meu Diário de campo e a rua. Escuto o sino e os fogos que anunciam o início da procissão! Grupos e lideranças religiosas, devotos e políticos seguem as ruas da cidade. Pessoas nas esquinas e praças para observar e ou seguir a multidão em louvor e gratidão ao Sr. do Bonfim, também em muitas janelas e portas encontrei altares e plantas ao santo homenageado. A seu modo, a procissão é uma festa! Não se trata da lavagem como espaço apenas profano da festa e a procissão o momento sagrado, pois há uma complexidade nestes fenômenos sociais que precisam ser refletidos. Bem, penso que há muitas semelhanças nestes espaços como: rua, músicos, foliões-devotos, vendedores ambulantes, consumidores de fé-folia. Em ambos espaços encontram-se jovens descalços, ainda que o sentido possa ser distinto, isto é, na procissão uma promessa, um voto, já na lavagem, a diversão (dança-se tanto que as sandálias

‘quebram’ e ficam no caminho). Músicos que despertam em um momento a celebração da vida em ‘carnavalização’, agora, provocam contrição, gratidão e, por vezes, choro. As ruas que se encheram de corpos fantasiados com coreografias específicas e espontâneas recebe corpos ‘controlados’, normativos e ordenados com lágrimas nos olhos e ramos nas mãos. Contudo, mesmo compreendendo que ambos espaços possuem significados distintos para aqueles que participam de um ou outro momento, há aqueles que participam desses espaços não como momentos contraditórios das experiências humanas, mas complementares. Isto é, aqui a triangulação é: igreja, palco e rua em diálogo necessariamente com dimensões de fé-folia-consumo.

Desta forma, retomando a canção de Chico, ela encerra apontando que a banda (festa) passa e tudo volta ao lugar! Acaba-se a ilusão! Entretanto, o que dizer desses momentos de transformações? E quando a banda passa e tudo volta ao lugar, volta da mesma forma? Mudança-permanência ocorre de maneira ambivalente na festa, logo a festa é processual e possui dimensões de liberdade-controle através de uma racionalidade-fantasiada, isto é, festejar é ir ao templo rezar, é criar personagens nas ruas para brincar (com ou sem abadá), ainda que sejam formas distintas-complementares de experimentar a festa. Festejar é esperar na janela todos os anos uma manifestação popular de um povo que se repete-modifica na porta de casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. IN: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Tradição Cultural, diversidade e interculturalidade. Tradições Sertânicas: por uma Pedagogia do Fuxico*. 2013. Disponível em http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/INTERCULTURALBILINGUE/RLE2332_AlmirLima.pdf. Consultado em Março de 2016.

CASTRO, Janio Roque B. de. *Da casa à Praça Pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. A Questão Cultural no Espaço Urbano de Pequenas Cidades na Contemporaneidade: reflexões a partir de alguns conceitos. IN: DIAS, Patrícia Chame.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. *Cidades médias e pequenas: dinâmicas espaciais, contradições e perspectivas na relação cidade-campo*. Salvador: SEI, 2015.

COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*/ Denys Cuhe; tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

HOBSBAWM, Eric & Terence Ranger (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9ª Ed, São Paulo: Ática, 2007.

MAGNANI, J. Guilherme, *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII e XX*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. Brasiliense, 1998.

_____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREZ, Léa Freitas. Introdução. IN: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.